

Nas margens dos rios há toda espécie de curiosidades, pequenos teatros iluminados por lanternas de papel, lâmpadas a óleo e fogueirinhas que brilham como de dia.

Yasunari Kawabata

RIO DO PEIXE

Um sol de estourar cigarras. A tarefa exigia determinação. Quando se procura uma planta rara tem que ser de dia, frio ou calor. Para procurar qualquer coisa, aliás, o melhor é contar com a luz. Seguiam o leito do riacho gelado, afluente do Rio do Peixe. O solo argiloso, vegetação farta de todos os verdes. No começo do Brasil, até ouro acharam ali, e pedras. Pelos seus cálculos, havia de ter planta rara naquelas margens também.

Falava para si mesmo os argumentos, repetia na cabeça. Mas seu convencimento cheio de palavras durou pouco mais que uma revoada de maritacas. Lembrou-se da vó Zulmira falando com calma: “Não adianta nada buscar sob a luz do abajur da sala, uma chave perdida na escuridão do quarto”. Era verdade sensata, ele sabia. Ainda assim, sem garantia, era melhor procurar de dia. Recomeçava a lista de razões para seguir, determinado, em silêncio.

No ritmo em que garimpavam aquelas margens, chegariam em Cruzília ainda naquele dia, talvez até antes do lusco-fusco. Marília, já ofegante, um pouco triste, não parava de pensar que era injusto. Quando ele traçava a rota daquelas expedições, planejadas para o sol escaldante da procura das plantas, não era nada democrático.

E não era mesmo. Ele achava que cada um tem uma ideia. Se fosse consultar todo mundo, o que era para ser um plano, acabava virando uma briga. Discutiriam até o anoitecer, perderiam a luz dos dias. Vó Zulmira, saudosa, já falecida, sua única consulta, sua única aliada. Ela sim, tinha conselhos iluminados. Marília não se surpreendia, era a cara dele se aliar aos mortos, aos livros de botânica e aos mapas. E ele adorava mapas, mas não para discussão. Mapa, em sua visão, servia para ver o destino. Como os caminhos das linhas, na palma da mão. Ele escolhia seguindo o desenho dos rios onde houve mineração. A teoria era essa: se os metais preciosos descansaram ali, raridades botânicas certamente teriam vingado também, por conta das condições específicas do solo, era só procurar direito.

Era uma hipótese boa, cheia de razões. O roteiro escolhido, por outro lado, não tinha nada de lógico. A sequência das paradas a cada expedição esquecia a ciência, era escolha gramatical. Ele ia elencando os nomes mais bonitos das cidades nos leitos dos rios; em cada margem metálica recolhia os nomes mais cheios de significado, “os mais poéticos”. Ele dizia e repetia, articulando as palavras para que os outros ouvissem aquilo que só ele conseguia ver. Se o preço das escolhas fosse um trajeto impossível, muito sacrificado, sem pé nem cabeça, paciência.

Cruzília vinha antes de Desterro de Entre Rios. As distâncias eram grandes, as estradas horríveis, os rios nem eram interligados. Ainda assim, lá estavam eles no meio daquele caminho, ladeando um braço esquelético do Rio do Peixe. Ele achava uma perfeição fazer a rota daqueles nomes. Cruzília vinha de encruzilhada, terra da cruz, cruzamento de duas estradas: um encontro. Desterro de Entre Rios era o contrário, um desencontro; dois rios correndo paralelos para nunca mais e a cidade descansando no meio. Partir do

encontro de Cruzília para a separação de Desterro. Para ele, aquilo era uma poesia; para Marília, um presságio.

Marília já não aguentava as expedições delirantes do marido. Tudo era do jeito dele. Os planos eram só dele. Ela, se quisesse e calasse, poderia acompanhá-lo. Que as plantas e os mapas e os nomes ocupassem todo o espaço do seu afeto, ela entendia e até admirava. O que estava matando Marília era sentir-se solteira em seu casamento.

Sempre que a solidão apertava, era tomada por uma tristeza funda, mas depois passava. Acabava relevando; os dias não eram tão ruins, afinal. A dureza daquelas expedições até que aproximava os dois. Eles riam de coisas bobas e gostavam de estar juntos no campo de coleta. Falavam das inflorescências de gramíneas, minúsculas, tão difíceis de classificar. Improvisavam instrumentos de medição. Tinham poucos materiais, precisavam ser engenhosos nos encaixes. Às vezes as mãos se encostavam. O canivete era compartilhado, o hidrosteril dos cantis, renovado. Sempre havia os assuntos vegetais, as chaves dicotômicas, o entusiasmo acalorado de uma descoberta em dias longos, repetidos.

Mas as noites, depois dos dias, são lei. Não perdoavam a distância entre os dois. Comiam automáticos, sempre sopa. A conversa ficava subcutânea, como um berne. Impossível saber no que ele tanto pensava. Mais de noite do que de dia. Marília se lembrou da vó Zulmira: “Quem pensa, não casa”. Já não era casamento aquilo. Dormiam cansados e alheios, mal se encostando.

Marília torcia para as noites passarem depressa e os dias trazerem assunto. Esperava que cada dia consertasse o estrago da noite. No fundo sabia que era injusto esperar tanto: luz não acha coisas perdidas, nem cola cacos ou seca feridas.

Aquela noite em Cruzília, o frio começando, ela havia decidido: seria a última. Marília partiria assim que amanhecesse, acompanhando o grupo. Ficaria junto dele nas coletas e refeições, como de hábito; riria de algum comentário retumbante que ele, inspirado pelo bioma, faria. Tirariam juntos as botas de caminhada para bater as pedras fora, colocariam os pés descalços na água corrente e gelada do Ribeirão das Pedras, dividiriam uma maçã descascada com o canivete dela, mais afiado. Os olhos se cruzariam sem insistência, com algum carinho, costumeiro. O dia marinando em mesmice, não fosse pelo fato de ser o último que passariam juntos. Os dois sabiam em segredo que quando chegassem a Desterro, tomariam leitos opostos, cada um seguiria seu curso.

Assim foi. Com a cidade no horizonte, Marília simplesmente divergiu a rota, foi ficando para trás do grupo, com uma ponta de esperança: talvez acusassem sua falta, talvez gritassem seu nome. Mas não veio grito, ele não a reclamou ao seu lado. Então, no silêncio daquela sentença, ela enveredou por um atalho que cortava a margem do riacho das pedras, rumo a não sabia aonde.

Marília buscava novos nomes, outras palavras. Aquelas que ela escolhesse em seu mapa, com suas razões. Mas remoía o fato de não ter havido alarde, arrependimentos, um arremedo de grunhido entredentes, alguma dor. Adeus, nem por escrito. Se debatia entre o ímpeto de flutuação das raízes aéreas e uma melancolia funda de linhagem subaquática. Cansada, foi embora como um corpo semimorto na correnteza, de vez em quando dava uma braçada para corrigir de leve a rota. De repente, um barulho de bicho, um susto e Marília se aprumou — alerta, algo acordou nela, respirou e, num esforço voluntário, mudou de ânimo. Passou a andar um pouco mais decidida, munida de uma

coragem estranha, meio volátil e malcheirosa, dessas que emanam dos farelos; entre cascas, restos, carcaças. Com a cabeça quase livre do peso, pensou vingativa em algo que o deixaria furioso: Pasteur estava errado, existe, sim, geração espontânea. Quando as coisas apodrecem e se desfazem, viram, sim, micróbios à procura de alimento e luz e calor. Num primeiro momento, nem sabem pensar em amor, precisam sobreviver e só, sem muita ênfase nos sentimentos. Era o que fazia Marília, vagando em direção ao próximo vilarejo insinuado em seu horizonte, quase no escuro. A lua ausente tinha se estilhaçado em milhões de cacos, que são as estrelas do céu. Marília estava desorientada, mas não perdida. Tinha a certeza de que seus dias seriam mais tristes, mas suas noites teriam mais luz.

* * *

Sozinho na companhia de seu velho mapa aberto na cama da hospedaria, ele se lembrou da avó que não era nem dele, nem viva; era da Marília e já estava morta. Pensou na vó Zulmira e pensou na vida: “Quem pensa, não casa”, uma lembrança que deveria ter vindo antes, com as evidências. Quando sua cama era compartilhada com Marília, ele não tinha todo aquele espaço para escancarar o mapa e sonhar; a Terra ficava acanhada, faltando abrir um pedaço. Ali sozinho, ele enxergava mais longe: atravessava o Brasil inteiro ciscando nomes nas margens dos rios. Pensou em Boa Solidão, Pernambuco. Sem convicção, seguiu mais ao norte onde nunca tinha ido, chegou até a Guiana Francesa, cheia de rios de aluvião. A mineração de ouro e alumínio ainda era ativa naquelas margens. Leu alto os galicismos tão bonitos nos nomes das cidades, mesmo quando não os entendia por completo. Para escolher cidades, seu francês

dava e sobrava: primeiro Bienvenue, no rio Camopi, depois Patience e, finalmente, Délices, às margens do rio Mana. A sequência física, mais uma vez, não era muito lógica, mas fazia muito sentido: chegar, perseverar, desfrutar. Noite e dia, com determinação. Era preciso seguir buscando a poesia das margens.